



+ Gilberto Gil faz uma música para a cardiologista que o assiste. B5

B

Quarta-feira 19/10/2016

DA BELA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS À ESSÊNCIA DO TEATRO

CRÍTICA. Flora e Alecrim é arte do teatro para todas as crianças, pais e interessados no que é bom

No palco, Tico (Pierre Pellegrini) e Dona Onça Pintada (Bethé Miranda)



RONALDO DE ANDRADE * ESPECIAL PARA A GAZETA

O "barato" do Teatro Deodoro, sem dúvida, é ser um espaço cênico. E, como tal, abrange uma diversidade muito ampla e que se amplia à medida que o tempo passa, com a chegada de novos modos dos alagoanos se expressarem para o público. O preço de ingresso barato muitas vezes não combina com a expressão "...um barato!" para qualificar o espetáculo assistido. Mas este é um risco natural, que os torcedores de futebol praticam exemplarmente com relação às partidas. O mesmo deveria acontecer com o público frente à obra de arte do teatro, pois nem sempre ela é o sucesso esperado! E portanto não provoca a sensação de "um barato!"

Apreciar é questão que ocupa uma área muito delicada da sensibilidade humana. Algumas estratégias são utilizadas pelos selecionados ao projeto da Diretoria dos Teatros de Alagoas - Diteal para fazer ressoar a expressão: "Teatro Deodoro é o Maior Barato!". E nesta direção, certamente o grupo Teatro do Imaginário trabalhou, ao levar para o palco dois contos populares que bem se enquadram, conforme apontado por Câmara Cascudo, quando trata sobre contos populares e referência às suas classificações pelo método de folclorista finlandês Antti Aarne. Nesta, os contos da Companhia do Imaginário se identificam como *Animal Tales* ou *Contos de Animais* e se enquadram nos motivos de *Animais Selvagens*. Em torno de dois destes contos, Bethé Miranda e Pierre Pellegrini "interpretam" Flora e Alecrim, que são as personagens que executam a "contação" de *As peripécias do macaco Tico e Dona Onça Pintada*. Contação é uma palavra que há pou-

co tempo passou a existir publicamente para definir a arte de contar histórias.

A atriz Bethé Miranda já se dedica à atividade profissional de contadora de história há bastante tempo. Pierre Pellegrini passou pelo Curso de Formação do Ator, na Ufal, atuou profissionalmente representando de travesti a tipos caricatos, e agora faz contação de histórias. Outra presença em palco é a atriz Carmem Freire, que traz em sua experiência uma longa temporada no Rio de Janeiro e agora, estabelecida em Maceió, se destaca no espetáculo como a Cotia. Vale anotar a presença do ator Marcos Vanderlei realizando o acompanhamento musical com eficiência, para o bem do espetáculo, e pondo à disposição sua versatilidade ao interpretar o Jacaré e ceder sua voz ao Padre. Todos são possuidores de talento e experiência no teatro. Todos são conhecidos como profissionais no meio teatral maceioense. Não é surpresa para o observador ver o público se deixar encantar com as atuações criativas e seguras.

Sob a designação sugestiva citada, este coletivo de teatro tem como objetivo contar histórias. E o "contar" na mesma medida em que está mais próximo da literatura e parcialmente distante da linguagem do teatro. No caso, o espetáculo em pauta recorre a esta última como artifício necessário e fundamental. O bom contador, via de regra, faz emergir das profundezas da própria imaginação as personagens sobre as quais está tratando. E elas surgem para a demonstração e se recolhem, em ato contínuo, até o final da história. Nos momentos da demonstração ou apresentação, o espetáculo transcende da arte da contação para a arte do teatro. E a perspectiva muda dian-

te dos olhos de quem vê; deixa de ser narrativa oral imaginária para ser representação. Ela passa a ser teatro. É bom que o contar seja realizado de forma teatral, mas teatralidade não quer dizer teatro. E o teatro na linguagem da contação de história é um recurso imprescindível. A Companhia do Imaginário é sem dúvida um coletivo de teatro que se utiliza dos contos populares em seu trabalho. O fato de optar pelo gênero contação de história lhe impõe o desafio de abstrair a vasta experiência em teatro que os integrantes possuem. Mas até onde a arte da contação de história assim se define?

Ao espectador iniciado na arte do teatro a estrutura do espetáculo *Flora e Alecrim - As peripécias do macaco Tico e Dona Onça Pintada*, desde o seu título, se proclama arte do teatro. Embora Flora e Alecrim se anunciem personagens, no palco eles são narradores, responsáveis pela apresentação dos "episódios" e da própria história. Hierarquicamente estão à parte do drama ou exercendo função secundária. As personagens de fato são Tico (Pierre Pellegrini), Dona Onça Pintada (Bethé Miranda), a Cotia (Carmem Freire) e o Jacaré e o celebrante do casamento (Marcos Vanderlei). Compreendendo assim, e a rigor, eles não possuem condição para serem mencionados no título.

Uma outra questão até certo ponto relevante neste aspecto diz respeito ao significado dos nomes Flora e Alecrim. São designações que, embora apontem para o ambiente vegetal, não remetem o espectador à mata, à floresta, ao ambiente apropriado para macacos e onças e cotias e jacarés. É nesta delicada zona da criação que a estrutura dramática apresentada parece exigir uma melhor defini-

ção, integrando-a ao espetáculo, sem a necessidade de um hífen, a sugerir dualidade: narradores e ação dramática. O interessante título *As peripécias do macaco Tico e Dona Onça Pintada* já se mostra suficiente. E assim a perspectiva exposta ao espectador fica discernível. Ao invés do conto narrado para o teatro, a estratégia do teatro para a narração. E nos momentos da narração, através das "personagens" Flora e Alecrim, teríamos uma possibilidade metateatral, que é um procedimento bastante recorrente em todos os momentos da história do teatro. Aliás a Companhia não teve pruridos em praticá-lo quando fez teatro dentro do teatro, apresentando cenas através de bonecos.

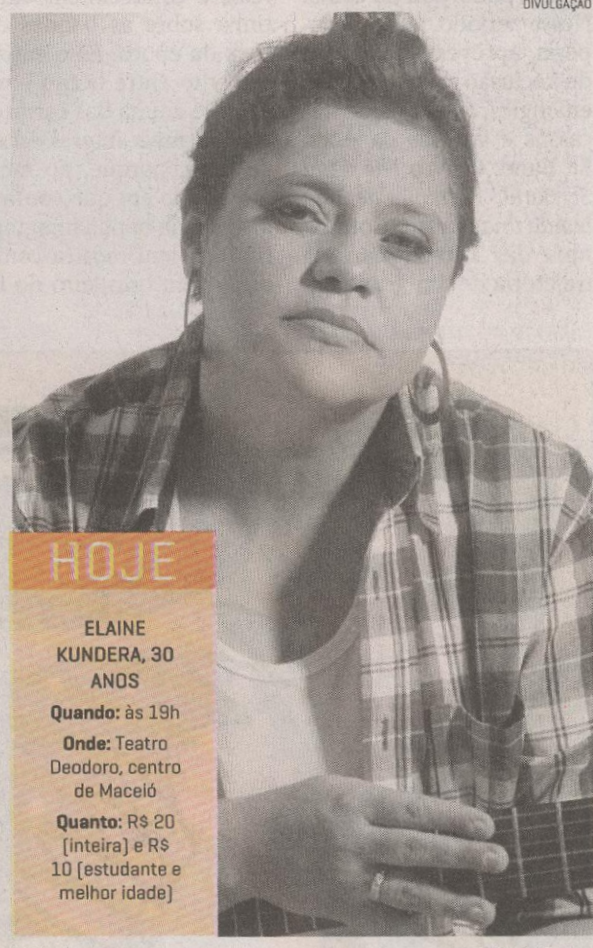
Ainda considerando o nome Companhia do Imaginário, afirmamos que ele é esclarecedor e por isto mesmo elogiável. Nada mais imaginário do que o teatro, pois ele é ficção sempre. O despertar da imaginação do espectador pelos contadores/narradores Flora e Alecrim faz surgir no palco o Macaco Tico e Dona Onça Pintada, a Cotia, o Jacaré. Eles vêm para exercitar a convivência, apesar das diferenças que lhes separam. E é a partir de suas entradas e permanências em cena que o espetáculo alcança a dimensão da arte do teatro, em sua forma mais convencional e necessária: a do conflito. Mas aqui apresentando um drama de final feliz e que ficou conceitualmente definido pela denominação de Comédia. Mas um teatro com linguagem própria e para as crianças. Só e através da imaginação as personagens podem ser vislumbradas. Ainda mais porque as limitações do como eles são caracterizados, com um ou outro detalhe do animal representado, não impõem o

tipo de aparência ao discernimento pelos espectadores das personagens que são. E aqui aflora mais uma qualidade do espetáculo, a teatralidade. O jogo de cena foi elemento fundamental ao vislumbrar pelo espectador das personagens e da poesia dramática, tal como foi para o Teatro Elizabetano e para a Tragédia Grega. A representação ou teatralidade é um artilheiro eficiente da literatura para o ouvinte, o leitor ou o espectador se interessarem pela história.

Para alagoanos de cinquenta anos atrás, ouvir contos orais, então classificados como histórias de Trancoso, de noite antes de ir dormir, já foi costumeiro e apaixonante. No conto, na fábula, no romance, no poema épico, na memória oral de um povo está a fonte para a literatura dramática e desta para o teatro. Daí ter sido instruti-

vo o costume que instintivamente reunia as crianças da casa no mesmo ambiente, muitas vezes o da cozinha, ao redor de uma senhora idosa para a audição daquelas estórias. Foi em alguns desses momentos que ouvimos a estória de Trancoso do *Reinado Pedra Fina Quitandá*, e romance do *Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*, ou nos encantamos com *O pavão misterioso*. De maneira nenhuma podemos nos abster de elogiar o espetáculo *Flora e Alecrim - As peripécias do macaco Tico e Dona Onça Pintada* pela eficiência comunicativa, pela riqueza de jogos criativos e pelos procedimentos cênicos, e de defini-lo como arte do teatro para todas as crianças, pais e interessados no que é bom. ●

* Ronaldo de Andrade é presidente da ATA e professor do Curso de Teatro: Licenciatura da Ufal



HOJE

ELAINE KUNDERA, 30 ANOS

Quando: às 19h

Onde: Teatro Deodoro, centro de Maceió

Quanto: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (estudante e melhor idade)